

Março foi mais um mês marcado por forte volatilidade e aversão a risco no mercado brasileiro e internacional, impactado por cautela fiscal e riscos de crise bancária nos Estados Unidos, com a falência do Silicon Valley Bank. O banco financiava *startups* e iniciou uma onda comunicados referentes à posição financeira de outras instituições bancárias.

O SVB estava entre as 20 maiores instituições financeiras dos Estados Unidos, e era considerado o preferido das empresas do setor tech. Os principais clientes do Silicon Valley Bank eram *startups* e empresas que contavam com recursos vindos de *Venture Capitals* (VCs). No mercado local o impacto é baixo, mas pela preocupação com a situação, as *fintechs* brasileiras, como Nubank, Inter, C6 Bank, se pronunciaram declarando não terem recursos no SVB.

Para tentar amenizar a situação, o FED e o Tesouro americano disseram que protegerão totalmente os credores e devedores do banco, e anunciaram uma linha de crédito emergencial fornecendo empréstimos de até um ano para instituições financeiras, pedindo como garantia ativos com alta qualidade.

A trajetória da política monetária americana é outra fonte de preocupação no mercado global, à medida que os membros do Federal Reserve reiteram a possibilidade de aumentos adicionais nas taxas de juros, caso os indicadores econômicos continuem a superar as expectativas e a inflação se mantenha acima da meta de 2%.

No Brasil, as atenções ficaram voltadas para a questão fiscal, com a divulgação do novo arcabouço fiscal, que foi apresentado nos últimos dias do mês. O novo conjunto de regras de controle das despesas do governo vai substituir o regime de teto de gastos, onde foi proposto que a variação da despesas será sempre menor do que a variação das receitas, estabelecido com um limite de 70% da variação das receitas nos últimos 12 meses.

Além disso, o governo definiu como objetivo eliminar o déficit primário das contas públicas até 2024, seguido por um superávit de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2025 e, em 2026, com uma meta ainda mais ambiciosa de 1% do PIB.

Por fim, o Copom optou por manter a taxa Selic em 13,75% por mais uma reunião consecutiva, em linha com as expectativas do mercado. Em seu comunicado após a

reunião, o comitê enfatizou a importância da vigilância contínua e reiterou que sua estratégia atual é manter a taxa Selic inalterada por um longo período. Além disso, o Banco Central ressaltou que não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não ocorra conforme o esperado.

O fundo Queluz Valor FIA teve uma rentabilidade negativa de 3,6% no mês, enquanto o índice Ibovespa teve uma queda de 2,9% no mesmo período.

A pior performance observada pelo Fundo veio principalmente da forte desvalorização sofrida por MDIA3 e CAML3 que desapontaram nos resultados, ficando consideravelmente abaixo do esperado pelo mercado.

Além disso, vale ressaltar também o impacto na cota referente à queda de HAPV3 no começo do mês, apesar de ser uma posição relativamente pequena na carteira, a queda de quase 34% logo no primeiro dia do mês teve um impacto relevante na performance do Fundo em Março.

Setores	-	Neutro	+
Alimentação e Bebidas			●
Bens de Capital			●
Distribuição			●
Financeiras			●
Regulados			●
Saúde e Educação			●
Varejo			●
Construção e Shoppings		●	
Siderurgia		●	
Agro		●	
Bancos	●		
Lazer e Serviços	●		
Mineração	●		
Papel e Celulose	●		
Petróleo e Petroquímica	●		
Tecnologia	●		

**a tabela mostra as posições de menor (-), maior (+) ou igual concentração da carteira em relação às respectivas concentrações do benchmark - Ibovespa.*

Gráfico 1. Distribuição da Carteira por Ciclos de Negócios

